ISSN: 2358-8829

LETRAMENTO LITERÁRIO EM ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO: LEITURA COMPARTILHADA E FORMAÇÃO DE LEITORAS IDOSAS

Sarah Weida Sena Ferreira[1]

INTRODUÇÃO

A leitura literária costuma ser pensada, sobretudo, a partir da escola, em torno de currículos, sequências didáticas e avaliações da compreensão leitora. A formação de leitores acontece também fora dela, em bibliotecas comunitárias, grupos de leitura e instituições de acolhimento, espaços nos quais a leitura não responde a exigências de aprovação ou de desempenho e em que o modo de se aproximar do texto e das outras pessoas pode ser distinto. Para o campo do letramento, interessa compreender o que acontece quando a literatura circula em contextos assim e quem, neles, se reconhece ou é reconhecida como leitora.

Quando as leitoras são mulheres idosas que vivem em uma instituição de acolhimento, a questão ganha outras camadas. Trata-se de pessoas com longas trajetórias de vida, que podem ter relações muito diversas com a escola, com a escrita e com os livros, e que habitam um espaço coletivo cuja rotina é, em boa medida, organizada pela instituição. Oferecer-lhes uma obra literária, com tempo para conversar sobre ela, relaciona-se ao direito à cultura e à educação previsto na legislação brasileira (BRASIL, 2003) e exige cuidado para que a proposta não se converta em mera ocupação do tempo, nem em exercício de infantilização.

Este artigo relata uma experiência de leitura literária compartilhada com mulheres idosas residentes no Abrigo Nossa Senhora das Lourdes, em Olinda-PE, a partir da obra *O Paraíso são os Outros*, de Valter Hugo Mãe (MÃE, 2024). A atividade integrou um projeto mensal de incentivo à leitura e foi desenvolvida em parceria com a psicóloga da instituição, que participou da mediação das discussões e do acompanhamento das participantes. Esperava-se que as interlocuções se concentrassem nos elementos narrativos e literários do texto. Contudo, as discussões passaram a mobilizar memórias, experiências pessoais e diferentes concepções de amor e de relações construídas ao longo da vida, e a narrativa funcionou como ponto de partida para o compartilhamento de histórias. Esse deslocamento orienta o problema do trabalho: como a leitura literária compartilhada pode favorecer

[1] Doutoranda e Mestra em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Especialista em Linguagens e suas Tecnologias pelo Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI) e graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

ISSN: 2358-8829

experiências de construção de sentidos, interação e expressão entre mulheres idosas em um espaço de acolhimento?

O objetivo geral é analisar as potencialidades da leitura literária compartilhada, realizada em um espaço de acolhimento de mulheres idosas, para a construção coletiva de sentidos e para a articulação entre literatura, memória, afetividade e participação social. Especificamente, busca-se descrever a proposta de leitura e a mediação, examinar como a obra mobilizou memórias e experiências pessoais e discutir a articulação entre oralidade, escrita e desenho na construção coletiva de sentidos. Analisar práticas dessa natureza em um espaço educativo não escolar contribui para ampliar a compreensão do letramento literário para além da escola e dialoga com o eixo do GT 08 – Linguagens, Letramento e Alfabetização, que reúne as múltiplas linguagens, as concepções de letramento e as relações entre linguagem, corpo e estética.

A análise apoia-se na concepção de letramento como prática social situada (Kleiman, 1995; Soares, 1998), na especificidade do letramento literário e da mediação (Cosson, 2006), nas contribuições de Petit (2009), Candido (2011) e Colomer (2007) sobre experiência estética, literatura como direito e leitura compartilhada, e em Bosi (1994) sobre memória e velhice, com apoio pontual em Freire (1989).

Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, apoiado nos registros da atividade. Diante dissso, a atividade compreendeu leitura compartilhada da obra, discussão coletiva, questões direcionadoras, atividade escrita e produção de um desenho relacionado à leitura. Como principal resultado, a experiência indica uma ampliação dos sentidos construídos durante a leitura, com a mobilização de memórias, experiências pessoais e concepções de amor e de relações. Conclui-se que a leitura literária compartilhada em espaços não escolares pode constituir um espaço de interação, expressão e participação, sem que isso autorize afirmações sobre efeitos terapêuticos ou cognitivos, que não foram investigados.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa. A análise limita-se ao que foi vivido e registrado pela autora em uma atividade específica, em um contexto específico, e não pretende generalizar os resultados para outras instituições ou para o conjunto das pessoas idosas. As interpretações são situadas e sustentadas pelos

ISSN: 2358-8829

registros disponíveis; o que não pôde ser documentado é apresentado como hipótese ou possibilidade.

A atividade integrou um projeto mensal de incentivo à leitura desenvolvido no Abrigo Nossa Senhora das Lourdes, em Olinda-PE. Participaram mulheres idosas residentes na instituição, com 10 participantes. A obra escolhida foi *O Paraíso são os Outros*, de Valter Hugo Mãe.

A escolha da obra O Paraíso São os Outros, de Valter Hugo Mãe, justifica-se pela sensibilidade com que aborda temas tão presentes na experiência humana, como o amor, o cuidado, os afetos e a convivência. A partir do olhar curioso e delicado de uma criança, o livro convida à reflexão sobre a importância das relações que construímos ao longo da vida e sobre como a presença do outro pode tornar os dias mais significativos. Em um espaço de acolhimento para idosas, a leitura oferece a oportunidade de despertar memórias, compartilhar experiências e conversar sobre os diferentes sentidos do amor e das relações humanas. Assim, a obra favorece não apenas o contato com a literatura, mas também a troca de histórias, sentimentos e vivências, valorizando a trajetória de cada participante e os vínculos construídos por meio da convivência.

A atividade seguiu quatro etapas: (a) leitura compartilhada da obra lido pela professora mediadora; (b) discussão coletiva, mediada pela autora e pela psicóloga da instituição; (c) atividade escrita, com questões direcionadoras sobre as percepções e experiências estéticas suscitadas pela narrativa; e (d) produção de um desenho relacionado à leitura. Além disso, a psicóloga da instituição participou da mediação das discussões e do acompanhamento das participantes. Sua presença é metodologicamente relevante, pois influencia o tipo de fala que emerge, e será considerada na análise como condição e limite da experiência.

Após a leitura compartilhada da obra O Paraíso São os Outros (2018), de Valter Hugo Mãe, foi proposta uma atividade de reflexão e expressão pessoal, conduzida a partir de questões relacionadas aos temas centrais do livro. As participantes foram convidadas a refletir sobre o significado do amor na atualidade e suas possíveis transformações ao longo da vida, recordar histórias especiais de amor ou amizade e identificar as pessoas que representam ou representaram seu próprio paraíso. A atividade também contemplou um momento de expressão afetiva por meio do desenho, no qual cada participante pôde representar alguém especial e elaborar uma mensagem destinada a essa pessoa. Dessa maneira, buscou-se promover a associação entre a experiência literária e as vivências pessoais das idosas, valorizando suas memórias, seus sentimentos e suas histórias de vida.

ISSN: 2358-8829

A análise baseia-se nos seguintes registros: respostas dadas na atividade realizadas. Foi organizada em três eixos, que correspondem aos itens da seção de resultados: a proposta de leitura e a recepção da obra; a mobilização de memórias e experiências pessoais; e a articulação entre oralidade, escrita e desenho na construção coletiva de sentidos. O procedimento consistiu em reler os registros disponíveis, identificar os momentos em que a conversa se deslocou do texto para a experiência pessoal e examinar como esses momentos se relacionaram com a narrativa e com as demais linguagens mobilizadas. A autora atuou simultaneamente como mediadora e relatora, o que favorece o conhecimento direto do vivido, mas também a tendência a interpretá-lo favoravelmente à proposta. Por isso, distinguem-se, ao longo do texto, fatos informados, interpretações sustentadas pelos registros e hipóteses que os dados não permitem confirmar.

Quanto aos cuidados éticos, as participantes não são identificadas: não se usam nomes, prontuários ou informações pessoais que permitam reconhecê-las, e eventuais falas e produções são apresentadas de modo genérico. A autorização institucional não substitui o consentimento das participantes para o uso de suas falas e produções.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de letramento que sustenta este trabalho afasta a ideia de que ler e escrever seriam habilidades individuais, neutras e transferíveis de um contexto a outro. Na perspectiva reunida por Kleiman (1995), o letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita em contextos específicos, com finalidades e participantes específicos; assim, o que conta como leitura, e quem tem legitimidade para ler e interpretar, varia conforme as situações de uso. Soares (1998) caracteriza o letramento como a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que envolvem a escrita, o que desloca a atenção do domínio do código para o uso e permite não tomar a pessoa idosa pouco escolarizada como alheia à cultura escrita.

Freire (1989), por sua vez, sustenta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que a compreensão do texto se enriquece quando o leitor o articula ao que conhece do mundo e de sua própria vida. Para a experiência aqui relatada, a ideia é analiticamente fértil: se a leitura da palavra se faz em continuidade com a leitura do mundo, trazer vivências para a conversa não constitui desvio em relação ao texto, mas um modo de lê-lo.

Assim, Cosson (2006) defende que o letramento literário tem especificidade: a literatura é linguagem que permite apropriar-se do mundo e de si por meio da palavra

ISSN: 2358-8829

trabalhada esteticamente, apropriação que não ocorre espontaneamente e exige experiências de leitura compartilhadas e mediadas, em comunidades de leitores nas quais a interpretação se constrói na interação. O autor insiste, ainda, que o texto literário deve permanecer no centro da prática de leitura, e não ser reduzido a pretexto para outras finalidades.

A advertência é decisiva neste relato, pois a conversa que parte da obra e chega à vida é legítima, mas exige investigar como o texto permaneceu presente nesse movimento. É preciso, também, não transferir sem cuidado conceitos formulados para o ensino formal: Cosson (2006) elabora suas propostas em contextos escolares, e no abrigo não há currículo a cumprir nem avaliação da aprendizagem, de modo que sua contribuição é mobilizada para pensar mediação, interpretação e partilha de sentidos, e não como modelo a aplicar literalmente. Kleiman (1995) lembra, ainda, que as práticas de letramento são sempre situadas em instituições e relações específicas; o espaço do abrigo, com seus tempos e vínculos, participa, portanto, da construção do sentido da atividade.

Diante disso, Petit (2009), a partir de pesquisas com leitores em contextos de vulnerabilidade, sustenta que ler pode ser forma de elaborar experiências, construir sentidos para o vivido e encontrar nos textos palavras para o que se sente. A leitura abre um espaço íntimo, mas permite passar do privado ao compartilhado quando o lido é posto em conversa; nesse processo, o mediador é quem cria condições de hospitalidade para o encontro com o texto, sem impor interpretação.

Convém manter a distinção que o campo exige: afirmar que a leitura pode oferecer recursos de elaboração não equivale a atribuir a uma atividade pontual efeito terapêutico, o que demandaria outra investigação. Candido (2011) trata a literatura como direito humano, bem que não pode ser negado sem mutilar a humanidade de quem dele é privado, e destaca seu caráter humanizador, ligado à ampliação da sensibilidade e ao contato com a complexidade da experiência e com o outro. Essa leitura é incompatível com uma visão instrumental da literatura como remédio ou passatempo e orienta a tratar a participação das residentes como exercício de um direito cultural. Colomer (2007) acrescenta a dimensão social da leitura literária: a formação de leitores beneficia-se de práticas em que a leitura é partilhada, as interpretações são comparadas e o mediador sustenta um espaço em que leituras diferentes coexistem. Sua reflexão foi construída para a escola e é aqui adaptada, retirando-se as expectativas de progressão e avaliação e preservando-se a ideia de que o sentido se constrói na interação e de que a pluralidade interpretativa é recurso, e não problema.

Esses três aportes convergem na ideia de que a leitura literária compartilhada é, ao mesmo tempo, experiência individual e coletiva. Candido (2011) observa que a literatura

ISSN: 2358-8829

permite ao leitor colocar-se no lugar de outros e vivenciar, pela imaginação, situações que não são as suas; em grupo, esse movimento se multiplica, pois cada participante entra no texto por um caminho e, ao ouvir as demais, é convidada a considerar outros.

A mediação, nesse arranjo, não consiste em conduzir à interpretação correta, mas em sustentar as condições para que a palavra circule (PETIT, 2009; COLOMER, 2007), o que permite pensar a atuação conjunta da autora e da psicóloga como uma mediação em duas vozes, na qual escuta e leitura caminham juntas. Essa articulação entre leitura individual e coletiva é central para a atividade relatada, na qual a discussão em grupo parece ter sido espaço importante para a construção dos sentidos.

Em concluinte, Bosi (1994) concebe a memória de pessoas idosas como trabalho, e não como depósito de lembranças: lembrar é reconstruir o passado com as ideias e as perguntas do presente, e a memória individual está inserida em quadros sociais, como famílias, grupos, instituições e épocas. A autora discute, ainda, que em sociedades organizadas em torno da produtividade a velhice tende a ser desvalorizada, e destaca a função social de lembrar e transmitir a experiência vivida, o que faz da escuta um gesto de reconhecimento.

Essa concepção ajuda a compreender por que uma narrativa literária pode funcionar como ponto de partida para narrativas de vida: o texto oferece imagens, situações e dilemas com os quais a memória dialoga, e as lembranças, por sua vez, reorganizam a leitura do texto. Isso exige cuidados. A velhice não é experiência homogênea, e não se afirma que a leitura "desperta" memórias de modo automático ou igual para todas. É possível, também, que experiências de gênero próprias das gerações das participantes atravessem as concepções de amor mobilizadas, mas essa é uma hipótese que só poderia ser desenvolvida com registros que a sustentassem. Em termos de direitos, o Estatuto da Pessoa Idosa (BrasilL, 2003) assegura à pessoa idosa o acesso à educação e à cultura, o que contextualiza a atividade como parte do exercício de direitos.

Em conjunto, essas contribuições permitem compreender a leitura literária compartilhada como prática social situada (Kleiman, 1995; Cosson, 2006), na qual a experiência estética (Petit, 2009; Candido, 2011) se constrói em interação, com a mediação de alguém que sustenta o espaço de escuta (Colomer, 2007), e na qual a memória social das leitoras (Bosi, 1994) participa da construção dos sentidos.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados em três eixos, a partir dos registros da atividade, e discutidos à luz do referencial teórico. Por se tratar de um relato de experiência, os registros descritivos não são tomados como evidência de eficácia da proposta.

A proposta de leitura e a recepção da obra

A atividade foi organizada para que a leitura precedesse a conversa e esta fosse seguida de registros escritos e gráficos. Esse arranjo dialoga com a ideia de que a leitura literária se completa quando os sentidos são compartilhados e registrados (Cosson, 2006), e a leitura compartilhada criou uma experiência comum sobre a qual cada participante pôde se posicionar a partir de seu lugar (Colomer, 2007).

Quanto à recepção da obra, as idosas demonstraram, desde o primeiro contato, uma impressão bastante positiva, considerando a narrativa adorável e acolhedora. A delicadeza da linguagem e a maneira sensível como o livro aborda o amor, os afetos e as relações humanas despertaram o interesse das participantes, favorecendo uma aproximação espontânea com a leitura.

A mediação, conduzida em conjunto com a psicóloga, buscou estabelecer relações entre as reflexões propostas pela narrativa e as experiências pessoais das idosas, por meio de perguntas abertas, momentos de escuta e incentivo à partilha de lembranças e sentimentos. Nesse percurso, a conversa ultrapassou a compreensão da história em si e alcançou aspectos das trajetórias de vida das participantes, especialmente suas concepções sobre o amor, a amizade, o cuidado e a importância das pessoas que fizeram ou fazem parte de suas vidas. A discussão sobre o direito à literatura (CANDIDO, 2011) também permite reconhecer a importância desse contato direto com a obra, considerando que a leitura foi realizada de maneira compartilhada e em voz alta, possibilitando que todas acompanhassem a narrativa e participassem das reflexões suscitadas pelo texto, sem que a experiência literária fosse substituída por uma versão resumida da história.

Quando a literatura mobiliza memórias e experiências pessoais

O que a experiência trouxe de mais significativo foi o deslocamento em relação ao previsto. Esperava-se que as interlocuções recaíssem predominantemente sobre os elementos narrativos e literários da obra; as discussões, porém, passaram a incluir memórias, experiências pessoais e diferentes concepções de amor e de relações construídas ao longo da vida, e a narrativa funcionou como ponto de partida para o compartilhamento de histórias e

ISSN: 2358-8829

vivências. Esse deslocamento pode ser lido como dado de pesquisa, e não apenas como surpresa: a expectativa inicial supunha uma separação entre o que o texto diz e o que as leitoras trazem, e a experiência indica que essa separação é frágil, pois as participantes leram a obra com sua própria história.

Esse movimento aproxima-se da concepção de que a leitura da palavra não se desvincula da leitura do mundo (FREIRE, 1989) e da compreensão de que a literatura permite ao leitor elaborar sua experiência (PETIT, 2009). A ideia de memória social em Bosi (1994) lembra, ainda, que as lembranças compartilhadas não são apenas individuais: formam-se em relações, grupos e contextos históricos, o que confere à conversa caráter coletivo. Do ponto de vista do letramento como prática social (KLEIMAN, 1995), o que as participantes fizeram com o texto está ligado ao contexto em que a leitura aconteceu e às histórias que cada uma levou para ele.

É preciso, contudo, examinar como esse deslocamento ocorreu. Durante a atividade, as reflexões das idosas sobre o amor abrangeram diferentes dimensões dos vínculos afetivos, contemplando o amor materno, o amor parental e o amor romântico. Entretanto, um aspecto que ganhou destaque nas conversas foi a relação entre esses sentimentos e as escolhas realizadas ao longo da vida. As participantes trouxeram à tona como o amor, em suas diferentes manifestações, esteve presente em decisões, caminhos percorridos e renúncias, influenciando suas trajetórias pessoais e familiares.

Nesse sentido, a discussão ultrapassou a definição do amor como sentimento e alcançou as experiências concretas de quem, em diferentes momentos da vida, precisou fazer escolhas em nome dos afetos. A questão que se coloca é se essas lembranças e concepções surgiram em diálogo direto com a narrativa, retomando personagens, situações ou imagens do texto, ou se a obra funcionou principalmente como ponto de partida para conversas que seguiram caminhos próprios. Essa distinção é relevante para o letramento literário, que pressupõe a presença do texto na construção dos sentidos atribuídos à leitura (COSSON, 2006). As diferentes experiências compartilhadas também evidenciam que o amor não foi compreendido de maneira única pelas participantes, mas a partir de suas histórias, relações e vivências, revelando sentidos particulares e, por vezes, atravessados por escolhas, desafios e renúncias.

Está documentado, pelo relato da experiência, que as conversas foram além do previsto e envolveram memórias e concepções de amor. Que isso se explique pela força da experiência estética, pela situação de grupo ou pelo perfil das participantes são hipóteses que a experiência não permite confirmar. Tampouco se pretende inferir, a partir das falas, estados

ISSN: 2358-8829

emocionais, benefícios psicológicos ou mudanças nas participantes. O que se afirma é que a conversa tomou um rumo que ampliou os sentidos construídos em torno da obra, o que reconhece o papel da mediação na criação de um espaço de acolhimento da palavra do outro (PETIT, 2009; COLOMER, 2007).

A presença da psicóloga na mediação merece consideração própria. É possível que a presença de uma profissional com formação em escuta tenha favorecido a emergência de falas pessoais, e é possível também que vínculos já existentes entre as participantes e a instituição as tenham deixado à vontade para falar de si. Nenhuma das hipóteses pode ser confirmada com os dados do relato; ambas indicam que o deslocamento observado depende, em parte, das condições institucionais e relacionais em que a leitura ocorreu, o que impede generalizá-lo a outros contextos.

Leitura, expressão e construção coletiva de sentidos

A atividade combinou oralidade, na discussão coletiva; escrita, nas respostas às questões direcionadoras; e desenho, como produção relacionada à leitura. Essa articulação é coerente com a compreensão de que o letramento literário envolve múltiplas linguagens e com o foco do GT 08 nas relações entre linguagem, corpo e estética: a voz que lê, o olhar que acompanha, a mão que escreve e desenha envolvem o corpo de modos distintos. .

Quanto à produção escrita e artística, as participantes foram convidadas a registrar suas respostas de próprio punho, por meio de palavras e desenhos, utilizando materiais disponibilizados pela própria instituição. A proposta permitiu que cada idosa expressasse, a partir de suas possibilidades e experiências, os sentimentos, as lembranças e as reflexões despertadas pela leitura. A escrita e o desenho constituíram, assim, formas complementares de expressão, possibilitando que as participantes atribuíssem sentidos pessoais às questões apresentadas, especialmente no que diz respeito às pessoas que representam seus vínculos afetivos e às escolhas realizadas ao longo da vida.

A escrita não deve ser tratada como indicador de maior ou menor compreensão, já que a atividade não teve finalidade avaliativa; em contextos de letramento diversos, a oralidade costuma ser o meio privilegiado de elaboração dos sentidos, e a escrita pode ser vivida de maneiras muito diferentes (Kleiman, 1995). Sobre o desenho, descrever o que aparece em uma produção gráfica é diferente de atribuir-lhe significados, que só a própria autora pode declarar; por isso, os desenhos, quando descritos, o serão de forma objetiva e, havendo registro, com o que as participantes disseram sobre eles.

ISSN: 2358-8829

A articulação entre as linguagens remete à construção coletiva de sentidos. Conversa, escrita e desenho não foram etapas independentes, mas modos complementares de participar de uma experiência comum de leitura, e é nessa participação, realizada em grupo e com a mediação de outras pessoas, que se localiza a contribuição da atividade para o letramento literário das participantes, entendido como prática social e não como aquisição individual de habilidades (Kleiman, 1995; Soares, 1998). Os sentidos produzidos não podem ser atribuídos a uma única participante nem à obra isoladamente, mas ao encontro entre ambas, mediado pelas condições da atividade.

A noção de participação social deve ser tratada com cautela. A experiência indica que a leitura compartilhada abriu um espaço em que as participantes puderam falar e ser ouvidas, o que é uma forma de participação no interior da atividade e da instituição; afirmar efeitos mais amplos sobre a vida social das participantes ultrapassaria o que foi observado.

Em síntese, os registros da atividade permitem sustentar três achados. O primeiro é que a leitura compartilhada, com mediação, criou uma experiência comum de leitura na qual diferentes participantes puderam se posicionar. O segundo é que a conversa se deslocou dos elementos narrativos para memórias, experiências pessoais e concepções de amor e de relações, o que ampliou os sentidos construídos em torno da obra. O terceiro é que oralidade, escrita e desenho funcionaram como modos complementares de participar dessa experiência. Esses achados dizem respeito a uma atividade específica e não autorizam conclusões sobre efeitos terapêuticos ou cognitivos nem sobre outras instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo analisar as potencialidades da leitura literária compartilhada, realizada em um espaço de acolhimento de mulheres idosas, para a construção coletiva de sentidos e para a articulação entre literatura, memória, afetividade e participação social. A experiência com *O Paraíso são os Outros* mostrou que, diante de um texto literário e de uma mediação que sustentou a escuta, as conversas se deslocaram dos elementos narrativos para memórias, experiências pessoais e concepções de amor e de relações. Em resposta ao problema proposto, pode-se afirmar que a leitura compartilhada favoreceu a construção coletiva de sentidos, a interação e a expressão em múltiplas linguagens, nos limites do que foi documentado.

A contribuição para o debate sobre letramento literário está em mostrar que as práticas de leitura em espaços de acolhimento são também práticas de letramento, situadas e

ISSN: 2358-8829

socialmente significativas (Kleiman, 1995; Cosson, 2006), e que a literatura, entendida como direito (candido, 2011), pode ser oferecida a leitoras idosas como experiência estética, e não como atividade de ocupação do tempo. A relação com a memória, discutida por Bosi (1994), indica que escutar o que o texto faz emergir é um modo de reconhecer essas leitoras como sujeitos com história. A experiência torna visível, ainda, a tensão entre manter o texto no centro da conversa e abrir espaço para que as leitoras tragam sua história, que merece ser investigada em outros contextos.

Do ponto de vista do GT 08, a experiência sugere que o letramento literário em espaços não escolares pode ser compreendido como prática que envolve linguagem, corpo e estética em situações concretas de partilha. A leitura compartilhada, a conversa, a escrita e o desenho funcionaram como modos distintos de participar de uma mesma experiência, o que reforça a ideia de que a formação de leitores não se restringe ao domínio de habilidades escolares e de que a mediação, entendida como trabalho de escuta, pode abrir espaço para que as leitoras tragam sua história sem que o texto deixe de ser o centro da conversa.

Os limites do trabalho precisam ser explicitados. Trata-se do relato de uma única atividade, em um único contexto, com registros. Não foram investigados efeitos terapêuticos, cognitivos ou transformações subjetivas, e o texto não os afirma. A presença da psicóloga na mediação, importante para a condução da atividade, deve ser considerada ao se interpretar o tipo de fala que emergiu. Muitas das limitações decorrem de a atividade ter sido concebida como ação de incentivo à leitura, e não como pesquisa, o que indica a necessidade de planejar os registros desde o início, com os consentimentos adequados.

Como continuidade, sugere-se a realização de novos encontros com obras e propostas diversificadas, com registros planejados, de modo a permitir análises mais aprofundadas sobre a formação de leitoras idosas em espaços não escolares, bem como ouvir as próprias participantes sobre o que a leitura significou para elas, em procedimentos que respeitem a ética da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 out. 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MÃE, Valter Hugo. O paraíso são os outros. São Paulo: Biblioteca Azul, 2024.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.